

# JORNAL DE ESPINHO

Director: Dr. Alfredo Temudo Côrte Real

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Proprietário e Editor: José Fontes de Melo

ANO III

N.º 128

ASSINATURAS ANUAIS:

Continente e Ilhas. . . . . 20\$00  
Colónias . . . . . 30\$00  
Estrangeiro . . . . . 40\$00

PAGAMENTO ADEANTADO

ESPINHO, 26 de Março de 1933

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Aven. Gago Coutinho, 671 - Espinho  
COMPOSTO E IMPRESSO  
Imprensa Universal (a electricidade)  
Telef. 125 - AVEIRO

NUMERO

AVULSO \$50

## PORTUGAL IMPÕE-SE

Ainda que muitos pretendam desvirtua-la—e esses são só aqueles que se deixam dominar pelo odio que votaram á Ditadura Nacional e que não levam a bem o Bem da Nação—a jornada eleitoral de Domingo passado, marcou, a traços indeleveis mais uma Vitoria daqueles que se propuzeram transformar Portugal naquilo que o seu passado historico de há muito reclamava.

Pode orgulhar-se o Governo da Ditadura sabiamente guiado pela ferrea mão do Dr. Oliveira Salazar, do triunfo obtido.

Não podia querer-se mais!

Enquanto que os vesgos de Odio optam, nas alfurjas, pelo regresso ao passado de desordens, de revoluções e de descalabro, os Novos, aqueles que se dedicaram e dedicam á Renovação do Velho Portugal, clamaram bem alto o seu desassombro, concorrendo para o exito da votação Plebiscitaria.

O «Jornal de Espinho», nascido das novas gerações, sauda efusiva e sinceramente Sua Excelencia o Senhor General Carmona pela sua condução no mais alto cargo da Nação, sauda, na pessoa do Dr. Oliveira Salazar todo o Governo da Ditadura, e sauda, finalmente, os Exercitos de Terra, Mar e Ar, e todos aqueles que têm sabido defender dos abutres que a cada passo espreitam, a finalidade da Ditadura Nacional.

## A verdade ainda que amarga

E' frequente lêrem-se, em certa imprensa portugueza, transcrições de noticias de jornaes espanhoes, referentes á vida politica portugueza. Tambem, não deixa de, com a mesma frequencia, verificar-se que essas noticias são, geralmente, tendenciosas e falsas. Estas amabilidades da imprensa visinha tem me espiçado a curiosidade; mas, porquê, pergunto, este interesse em dizer mal, em mentir, acêrca do que se passa na casa do visinho? Aprendi, com os nossos compatriotas, tambem filhos do povo, a dizer: Deus nos livre de maus visinhos do pé da porta. E, pensando sobre o assunto, vieram-me á memoria razões para que aquela imprensa procedesse de modo bem diverso, a saber: A circunspeção com que a imprensa portugueza affecta á situação politica trata dos negocios publicos de Espanha, o cuidado com que o governo portuguez, por intermedio do seu representante diplomatico em Madrid, procura estabelecer aquella confiança e estima que deve ligar os povos de fronteiras comuns; a visita feita por Sua Ex.<sup>a</sup> o actual Presidente da Republica, visita que traduziu claramente o desejo de que as duas nações ibericas vivam o mais fraternalmente possivel é tanto para estimar quanto é certo ter parlido do estado que mais ofensas tem recebido. Bem sei que governava, então, os destinos da Espanha, D. Afonso XIII. Mas representando Sua Magestade o povo espanhol, por consequencia as saudações que entre ambos os chefes se trocaram, foram dedicados aos dois povos e, portanto, pelo facto de o trono haver desaparecido não deve concluir-se que tudo acabara. Devia-se, até, concluir o contrario, visto a egualdade de regimens politicos. Porem, assim não acontece, e, que vemos? Certos homens publicos declararam que a Espanha é hoje uma nação livre e que o pousar do seu dêdo no xadrez internacional, no apregoado conflicto futuro, fará inclinar a balança da victoria para posição contraria aos desejos de certa potencia, que não põe o nome, nem é necessario para se saber de quem se trata.

Sente-se o reacender da questão iberica defendida com entusiasmo por homens com responsabilidade e de respeitabilidade da actual Republica. Será assim que o Sr. Cambô quererá estabelecer a concórdia? Estavamos nós em presença de homens que por terem recuperado a sua liberdade regionalista perdida desde Fernando e Izabel, estão sofrendo daquele desejo terrivel que domina todo o ser animal exausto pela falta de alimentos, olhando para o pão que se lhe oferece e o admira como a unica salvação da sua vida? E se assim for, que temos nós com a imposição dum sistema politico unitario a um povo por natureza etnica, fisica e geografica, individualista, se essa imposição não partira de nós? Serão os seus males internos que os hão endurecido e levado ao ponto de desejarem ter por companheiros os seus visinhos supondo-os mais felizes? Não o creio, visto o grande conflito mundial ter sido o melhor vehiculo do aumento da sua riqueza e os seus recursos naturais, no dizer dos economistas, estarem intactos. Terá aquela imprensa abandonado a sua nobre missão de educar e orientar a opinião pública no sentimento do bem colectivo, para se vender ao serviço de qualquer grupo, como se vende toda a mercadoria, afim dos seus componentes insultarem a terra que lhes foi berço?

Se assim fôr, este caso não é virgem e, quantos portuguezes, através dos tempos passados, marcharam contra os seus compatriotas, nas hostes adversas. Sejam quaes forem as razões, o facto é que não ha motivo para sustos, mas, tambem, não é mau, para quem se dedique a estudos de psicologia colectiva, observar com calma e livre de ofensas passadas, esta nova forma de proceder da imprensa d'alem fronteiras. Da outra banda houve, de quando em quando, um certo ciúme pela nossa boa reputação. Para o confirmar não é necessario irmos muito longe; bastam-nos dois factos do seculo passado.

Os dois paizes ibericos foram ao Roussillon irmanados e aliados no mesmo pensamento e fins politicos; combater a Fran-

(Continua na 4.ª página)

## Publicações

Conselhos aos Empregados do Comercio

Da Associação dos Comerciantes do Porto, recebemos um pequeno opusculo por ela editado, contendo um certo numero de interessantes conselhos aos empregados no Comercio, acompanhados de sugestivas gravuras, profusamente intercaladas no texto, todas elas alusivas a esses conselhos.

Esta iniciativa deveras interessante, merece sem duvida os nossos aplausos, e as nossas melhores saudações.

Que ela sirva de incentivo ás outras Associações congeneres, para que, em uma cooperação homogenea, contribuam para um melhor aperfeiçoamento profissional das classes de trabalhadores do nosso Paiz.

\* \* \*

Revista de Contabilidade e Comercio

Dirigida pelos Snrs. F. Dias e José Henriques Garcia, acaba de aparecer a *Revista de Contabilidade e Comercio*, trimestrario de cultura economica, cujo aspecto gráfico é bom.

O seu primeiro numero, que gentilmente nos foi enviado, traz excelente colaboração, firmada por nomes assaz conhecidos no meio contabilista, toda ela apresentada em artigos escritos de uma forma tão clara quanto precisa. Agradecendo a sua visita, desejamos-lhe longa vida, ao mesmo tempo que a recomendamos a todos os que ao comercio e industria, se dedicam.

Mario de Freitas Ribeiro

Este nosso estimado amigo, depois de ter aqui passado uns dias, partiu para a capital no dia 22 do corrente, devendo regressar a esta praia dentro de dias.

## Por Espinho

Terras que progridem

## Espinho-a Costa Verde!

O distinto jornalista Antonio Cruz, mui digno Chefe de Redacção do nosso colega «Diario de Coimbra» em editorial do mesmo diario, de 24 do corrente sobre Espinho e com o titulo e sub-titulo acima, publicou o que, com a devida venia passamos a transcrever:

Espinho—a Costa Verde... Ficaram para além da minha curiosidade algumas vilas galantes e frescas, na pacatez da ante-manhã. A capelinha do Senhor da Pedra, erguendo-se ao cimo da areia, evoca a mais popular das romarias do Norte. Miramar, Granja—solares brasonados, praias da aristocracia, onde se ajunta o sangue-azul, mal chega a canicula. E logo Espinho,—a Costa Verde, terra de solto, arrancada ao desconhecido, por obra e graça da boa-vontade dos seus filhos, de esforço hercúleo que os seus filhos dispenderam.

Manhã clara dama banal quarta-feira de inverno. A vila acorda, sacode-se,—e vem até á rua. Passam mulheres, atarefadas, gigos á cabeça,—a caminho do mercado. Arrecadam-se os taipaes, trocam-se «bons-dias»—e ouço ainda, além, perdendo-se na distancia, o tilintar das campainhas dos garotos—que varreram as artérias...

O que mais me impressionou, mal cheguei,—foi o traçado das ruas. Traçado geométrico, unico no país,—com certo sabor a cidade americana. Há ruas paralelas e ruas verticais á costa. E todas numeradas. As primeiras, são as pares. As ultimas,—as impares. E, deste geito, torna-se facil demandar o paradeiro de quem quer que seja...

Abandono-me á extensão enorme destas avenidas e percorro-as de lés-a-lés. Vejo Espinho, nos seus detalhes que primeiro ressaltam á curiosidade do visitante. Admiro Espinho, nesses mesmos detalhes. E compreendo Espinho,—terra progressiva, terra que se fez duma assentada, medrando a olhos vistos, impondo-se aos olhos, á atenção, á admiração de todos aquêles que a veem.

Para a vida duma terra, regra geral, os anos não contam. Quando muito,—contam as décadas. E Espinho,—note-se bem!—fez-se em pouco mais de cinco décadas!

Ao principio, quando se falava de Espinho,—citavam-se umas dúzias de palheiros, moradas humildes de pescadores, que se alinhavam junto á costa e que as ondas beijavam dia-a-dia. A situação privilegiada, o desejo forte de vencer, as inumeras condições de ordem material—e moral—que os rodeavam,—sacudiu os habitantes de Espinho, levou-os a erguer a cabeça bem alto, a mirar o futuro que se lhes abria em clarões de esperança... E meteram ombros a uma empresa que lhes acarretava sacrificios de toda a sorte,—erguendo Espinho, construindo uma cidade moderna, que é, hoje, uma cidade alegre, movimentada, cheia de alacridade, cheia de vida, talqualmente a vim surpreender esta manhã, mal o comboio me deixou aqui. E sinto—e bem!—o desejo de triunfo de todos os seus habitantes!

Um braço amigo guia-me através de Espinho. Através de Espinho-praia—e de Espinho centro comercial e industrial de primeira grandeza.

O sol, por mercê, dardejou alguns raios sobre o casario da vila. (E porque não dizer sobre o casario da cidade? Era

(Continua na 4.ª página)



**Correspondencia das Freguezias**  
Silvalde, 23-3-933.

Em principios de fevereiro p.º p.º fomos procurados por um «cavalheiro» que se nos apresentou com o nome de Costa Pereira e nos disse residir em Espinho na rua 22, n.º 398 e ser representante da Sociedade de Produtos Industriais, de Lisboa (?) que, por sua vez, segundo ele o afirma, tem a representação unica de uma casa alemã especializada em produtos medicinaes, um dos quais cura radicalmente a tuberculose e o reumatismo.

Eis ai a lenga-lenga com que o referido cavalheiro se nos apresentou, o qual não passa de um refinado charlatão. E não é superficialmente que o afirmamos, possuímos os documentos em que baseamos a nossa afirmação os quais só agora nos foi possível conseguir. Por essa razão chamamos á atenção das autoridades para o caso, tanto mais que o referido «cavalheiro» tem burlado inumeras pessoas nesta localidade impingindo-lhes um liquido qualquer que trás nuns frasquinhos como sendo dos tais preparados alemães, a 5\$00 cada gota!

E' provavel que o nome que nos deu não seja, verdadeiro, falsa a residencia e que tambem nem sempre use o mesmo processo para ludibriar os incautos. A's autoridades compete averiguar e deitar-lhe as mãos. E' de altura regular, magro, de cinquenta anos de idade, pouco mais ou menos e aqui apresentou-se trajando boné, sobretudo escuro e de pasta.

Segundo informação que colhemos, em tempos dedicava-se á compra de objectos antigos.

\* \* \*

A nossa malfadada distribuição postal continua a dar sinais de vida, continua a prejudicar-nos.

Há dias faltaram a uma creatura cinco numeros do «Diario Português» e um nu-

mero da «Lusitania», hoje é o snr. Marcelino Zenha, comerciante da nossa praça que se nos dirige.

Há duas semanas que não recebe o «Jornal de Espinho» e um outro que tambem o assina.

As reclamações por extravio de correspondencia succedem-se dia a dia, avolumam-se e registam-se para, quando mais não seja, um dia compôr a lendaria historia do nosso serviço Postal...

Desde que nestas columnas levantamos a campanha, temos ventilado o assunto largamente, expondo as inumeras deficiencias a que estamos sujeitos e, até hoje, só uma cousa encontramos:—a boa vontade da C. A. da nossa Junta.

Já aqui dissemos que o seu presidente, o snr. José Pereira Bernardes, nos garantiu que não largaria mão do assunto enquanto visse probabilidades de exito. Afigura-se-nos, porém, que aquele nosso amigo tem de persistir heroicamente dada a indiferença dos dirigentes da repartição que superintende no assunto, de contrário veremos ir por agua abaixo tudo quanto a nossa boa vontade construiu até aqui.

Mas as cousas são o que são, não há meios termos.

Se o nosso movimento postal nos dá direito a um distribuidor, se a falta do mesmo nos acarreta graves prejuizos conforme consta da petição que a nossa Junta enviou á D. G. dos Correios e Telegrafos de Aveiro, por que razão continuamos na mesma?

Até repugna acreditar na má vontade das estancias superiores, mas não é menos repugnante saber que outras localidades equiparadas á nossa já há muitos anos se puseram a coberto de semelhante desleixo. Cortegaça, por exemplo, até lhe deram uma estação telegrafo-postal e a nós nem um distribuidor, um simples distribuidor rural nos querem dar.

Protestamos energicamente!

ficou-se ateato. Ficou-se tonto. Ficou-se borracho de anseio.

Nem uma sombra na grande Sombra. Nem um ruído na beata quietude.

Tudo era silencio. Suspendera as falas intimas e a respiração. Suspendera, quasi, o bater louco do coração.

Estendeu o pescoço. Escutava num recolhimento de sentidos, indizível, com as mãos em concha sobre as orelhas.

Nada. E o silencio e o socêgo subiram ainda mais.

Tudo era calado. Em torno de qualquer movel, de qualquer figura, só havia silencio.

Até o luar, parecia que, propositadamente, se houvera esfarelado em mil milhares de migalhas de luz, variadissima, pelo chão, pelas paredes, pelos panos, como Arco-iris desfeito... para que, assim, a claridade fôsse menor.

E pouco a pouco, de mansinho, pé aqui, pé acolá, parando ali, parando além, o velho sacristão ia avançando, caute

Quem de mel se faz, as moscas o lambem... Voltaremos ao assunto.

\* \* \*

Conforme noticiamos, visitou-nos no passado domingo, 19, a A. D. Guetinense que no campo do Formal foi derrotada por 2-3 pelo nosso Sporting.

Devido á pouca ligação dos seus dianteiros os locais exibiram um jogo mediocre, faltho de tecnica, mas voluntarioso e cheio de entusiasmo.

A primeira parte findou com 1-0 a favor de Guetim.

Ao iniciar-se a segunda, o arbitro põe Portugal fóra do campo por este jogador pretender ripostar a um adversario que o carregara deslealmente. Nesta altura, com 10 homens apenas em campo e a perder por 1-0, o Sporting, sentindo a responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros, avança com «alma» e aos 3 minutos estabelece o empate. Novas descidas se efectuam de parte a parte mas morrem nos pés da defesa.

Aos 24 minutos, Alberto, Americo e Môsca gisam uma avançada que ocasiona o 2.º ponto de Silvalde.

E' nesta altura que os guetineses põem em pratica o seu melhor jogo e aos 30 minutos a sua asa direita remata a contar.

Bola ao centro e as jogadas succedem-se com uma rapidez espantosa. Ambos os grupos procuram o desempate com afan.

Aos 35 minutos, numa descida perigosa Silvalde marca imparavelmente o «goal» da vitoria. Fartos aplausos da assistencia e a luta recomeça encarniçada. Mais tres ataques perigosos dos visitantes que a defesa local, em boa tarde, inutilisa. Os locais ripostam e o jogo prossegue ora num, ora noutro campo até final sem que o resultado se altere.

Com este triunfo o Sporting passou a comandar os grupos da sua série na classificação geral.

Dos locais agradou-nos a

loso, atentando no mais leve ruído.

De longe, ou de perto, de qualquer parte— não sabia de onde— supunha ter ouvido um débil suspiro, um respirar esmorecido, apagado, doloroso.

Depois, o silencio continuou a subir...

De repente, lembrou-se da capela. E num crescendo de ansiedade, coxeando, mas lépido, adivinhando por um natural pressentimento de que alguém ai estaria; contente e zangado consigo próprio por não se ter lembrado disso há mais tempo, galgou os dois degraus do patamar superior e foi direito ao sitio.

Entre um sorriso de alegria e um infinito olhar de pasmo, encontrou, prostrada no chão, uma rapariga, jovem e formosa, em cujos olhos fechados se viam fundas sombras de desgosto, e na expressão palida do rosto, rôxos vincos de fome e de martirio.

Ficou-se a olhá-la uns segundos, tonto de espanto.

defesa e a meia defesa. Os avançados, sem a ponta direita, ligaram mal; todavia, Americo e Alberto procuraram suprir a falta de Portugal jogando infatigavelmente. Môsca teve jogadas boas. Faustino em má tarde.

Dos visitantes salientaram-se o avançado centro e asa direita. Os medios muito produtivos e a defesa segura.

Arbitrou Eduardo Souza que foi imparcial, mas demasiadamente rigoroso na expulsão de Portugal.

Os grupos:

Guetim — Manuel, Ilidio e David; Perna, Ramos I e Albertino; Reis, Braga, Ramos II, Rebola e Moreira.

Silvalde — Nicolau, Cruz e Marcelino; Francisco Sá, D. Cavadas e Môsca; Portugal, Alberto, Americo, J. Cavadas e Faustino.

\* \* \*

Ainda em desafio de campeonato, encontram-se logo no campo do Formal, o Sporting e o Cruz de Cristo.

Se o Sporting vencer ficará campeão da sua série.

Dada a importancia deste encontro é de prever tarta concorrencia ao «ground» do club local.

Aos rapazes da camisola alvi-negra, dada a responsabilidade do desafio, aconselhamos a maxima lealdade e correcção no jogo.

Vencer sim, mas com dignidade!

De resto uma tarde feliz.

\* \* \*

Encontra-se enfermo o menino Silvio, dilecto filhinho do nosso amigo snr. Antonio Francisco de Souza, digno sargento da C. de Tiro.

\* \* \*

A Primavera entro" com o vento a soprar do Sul... é caso para augurarmos a breve chegada do distribuidor postal—o desejado.

Pelo amor de D.us não o mandem pelo correio senão extravia-se...

C.

Primeiro sobranceiro. Depois com interesse. Com dó.

¡ Mas como teria aquela «al minha de Deus» ficado ali sem êle se aperceber? !... Como? !... Onde se escondera ela? Por onde? Sabia lá! Santo Antonio!...

Indeciso, ajoelhou-se ao lado da rapariga. Depois, quasi bruscamente, sacudiu-a pelos ombros.

A desgraçada nem bulia. Auscultou-a. Verificou que ainda tinha vida. Tomou-lhe a mão. Um estremecimento de frio percorreu todo o corpo do bom homem.

¡ Pobre pequena, há quanto tempo estaria para ali tombada, de sentidos perdidos, sobre as lages, a enregelar-se!

Recordou-se de que deixára a porta da Sé, meia aberta.

Pressurôso, levantou-se e foi muito satisfeito fechar a porta. Parecia-lhe agora, que todos os santos e santas lhe sorriam em seus altares.

Que os anjos vieram todos, ruflando as asas, atrás dele, numa apoteose de belesa e de

**Cabeleireiro das Senhoras**  
**Salão Fonseca**

Rua 19

Para que todas as senhoras de cabelo liso, possam obter uma ondulação permanente, com a maior facilidade de pagamento, este Salão promove a 2.ª serie a 100 ondulações permanentes a prestações semanais de 6\$00, com bonus.

A ondulação permanente feita no Salão Fonseca só perde os seus efeitos, á medida que o cabelo cresce e é cortado.

A's senhoras que se inscrevam nesta serie, este Salão oferece 9 brindes no valor de Esc. 110\$00 e dois premios de Esc. 150\$00, cada, em objectos á escolha, a adquirir no Comercio de Espinho.

Esta serie tem inicio em 8 de Abril proximo.

A inscrição nesta serie, é mais vantajosa, porquanto fica mais barato o pagamento a prestações, que pagando de uma só vez.

**Companhia Portuguesa para a**  
**Construção e Exploração de Caminhos de Ferro Linhas do Vale do Vouga**

Furto de uma carteira a uma passageira do Comboio n.º 1 de 14 de Agosto de 1932, por ocasião das festas de Lá Salete, em Oliveira de Azemeis.

Esta Companhia fáz publico de que se encontra nos seus Escriitorios, á Rua do Passeio Alegre, n.º 107 na Secção do Movimento e Trafego—Serviço de Reclamações—uma importancia que foi subtraída da referida carteira e apreendida a duas passageiras que viajavam no referido comboio, a qual será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Espinho, 22 de Março de 1933

O Chefe do Serviço do Movimento, Trafego e Fiscalização

M. Marques

ternura, auxiliá-lo a encerrar o portão enorme e pesado.

E á volta, esfregando as mãos, contente e leve, tinha no olhar, a luz doirada e festiva de todas as estrélas do Céu.

Aquela noite branca de luar estava quasi olvidada, quasi morta, para muita gente...

Para êle, porém, ia começar...

Quem sabe!... Talvez que, ainda entre risos esfusiantes, entre lágrimas de Alegria!...

Quantas vezes, ao mesmo tempo a gente chora e ri!

E lamentou-se por Deus não lhe ter dado uma filha, em lugar dum filho—«Um «boémio», um «estaróla», sem geito para coisa nenhuma, se não para fazer vérsinhos... Que nem na Noite de Natal assistia á Ceia com os «velhotes»!...

De seguida, veio-lhe ao pensamento as «rabanadas» que o esperavam—«Sempre tão docinhas, tão loirinhas, tão soborosas como nenhuma!... e que a «sua patrão» tão bem sabia cosinhar!...

(Continua).

N.º 3 JORNAL DE ESPINHO 26-3-933

**Meia Noite...**

Romance Original

POR

**Ayres de Barros**

I

Parecia-lhe que todos os santos se tinham transformado em juizes severos. Assim, nos altares alcandorados sobre a teia, onde Santo-Antonio sorria, sempre-noivo, com o menino ao colo, côr de rosa, êsse sorriso se transmutara num esgãre de censura austero e grave. Assim, Nossa-Senhora da Conceição, a Imaculada, onde os olhos suaves e lindos se cambiaram em dois topásios incandescentes. Assim, pelos outros altáres todos, onde os olhos dos anjos eram agora cardumes de rubis, côr de sangue e côr de brasas.

Durante minutos e minutos



# GRANDE CASINO DE ESPINHO

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 30 DE NOVEMBRO

CASA DOS LINHOS  
(Registada)

Telegramas: Teixeira Abreu  
Telefone N.º 25

**Teixeira d'Abreu & C.<sup>a</sup>**

Premiados na exposição de Paris de 1900

Fabrico especial de Panos de Linho de Guimarães Atoalhados, panos d'algodão, lenços, colchas de seda e ditas d'algodão. Bordados regionais; serviços para camas, ditos para mesa, centros, naperons, etc.  
32, 33, 34, L. Prior do Grato, 35, 36, 37  
**GUIMARÃIS**



## Botões de madre-pérola

O MELHOR FABRICO NACIONAL

XXXXX

**José Fontes de Melo**

Rua 16

**ESPINHO**

Palacio das Novidades

Casa Francesa

Modas, Miudezas, Perfumarias etc.

CASA DE CONFIANÇA

a mais popular de Espinho  
Preços fixos  
em S competência

Rua 16 n.º 523

**ESPINHO**

**Pensão do Porto**

— DE —

**José Monteiro de Lima**

AVENIDA 8, ESQ. R. 25

Conforto, Higiene—Modicidade de preços

**Aberta todo o Ano**

**Barbearia**

**PALÁCIO**

DE —

**Apolinario Pereira**

Corte de cabelo de senhoras

PERFUMARIAS

Rua 19—ESPINHO

Mulheres,

a vossa carne...

Foi posto á venda, a semana ultima nas principais livrarias do País, este romance realista, de Humberto Correia.

Em Espinho encontra-se á venda na *Violeta Primorosa*, rua 19 e no *Quiosque Reis* e *Basar Central* da Avenida 8.

AGENCIA DE CONTRIBUINTES DE —

**Carlos Vieira Pinto**—Rua 19 n.º 249—Espinho

Nesta Agencia, que se encontra aberta das 9 ás 18 horas, tratam-se com toda a seriedade todos os assuntos que dependem de todas as *Repartições Publicas e Tribunais*.

Nos *Notarios*: Escrituras de compra, venda e hipotecas, etc. Reconhecimentos de documentos estrangeiros no respectivo ministerio. Levantamentos de caucões militares e todos os documentos que se refiram ao Ministerio da Guerra.

Nesta Agencia encontram-se á venda todos os impressos da Imprensa Nacional e outros.

Tem assinatura do *Diario do Governo* 1.ª Serie, que póde ser examinado por todos os contribuintes inscritos na Agencia  
Venda de selos e papel selado.

## Colegio de S. Luiz

(PRAIA DE ESPINHO)

Curso Primário. Curso Commercial. Curso Geral dos Liceus. Ensino ministrado por professores do ensino livre. Educação Moral Católica.

Colégio de estação marítima especialmente destinado a meninos que têm de viver em clima á beira mar, alimentação abundante e esmerada. Admite alunos internos, semi-internos e externos. PEDIR PROSPECTOS Á DIRECÇÃO

**União Commercial de Espinho**

Antiga Cooperativa dos Empregados

de Brandão Gomes & C.<sup>a</sup>

**J. Luiz Teixeira**

409, Rua Bandeira Coelho, 421

Deposito de Vinhos da Companhia Velha, Champagnes de Anadia, Vinicola e Raposeira  
Especialidade em azeite, chá e café

## Colegio de Nossa Senhora da Conceição

PARA MENINAS

Internas, semi-internas e externas

RUAS 24 e 31—ESPINHO

**Consultório Dentário**

Telefone 258

Direcção clinica

Dr. A. S. Morais Sarmiento Romanoff Salvini

Pela Faculdade de Medicina do Porto

Direcção tecnica

OTTO KOCH dentista

formado na Alemanha e Argentina

Especializado em protese dentaria

Rua 31 de Janeiro, 250

PORTO

## FOSFOREIRA PORTUGUESA

Procedendo á construcção imediata da casa com que foi contemplado o sr. Americo da Silva, residente em Montijo, a FOSFOREIRA PORTUGUESA contribue, não sem sacrificio, para minorar a crise do desemprego.

Preferindo os seus fosforos:

Vencedores

Antoninos

Familia

Ilheus

Coloniais

Portugueses

continua a habilitar-se para os numerosos premios do proximo sorteio (primeiro trimestrol) a realizar em 25 de Março.

As senhas não premiadas, devem ser guardadas porque oportunamente annunciaremos a sua utilidade.



# A VERDADE AINDA QUE AMARGA

(Continuação da 1.ª página)

ça republicana. A Espanha fez a paz em separado com ela sem dizer—agua vae, ao seu aliado.

Durante esta campanha, o governo de Madrid mandou retirar da gazeta oficial os louvores conferidos aos nossos compatriotas pelos comandos hespanhoes, e não contente com o nosso sacrificio e auxilio, invade-nos em 1801, isto é, seis anos depois, levando-nos Olivença, que, segundo escritores portuguezes, é posse legitima á face da letra dos tratados, afora os vinte milhões que os gaulezes nos levaram. Em tão pouco tempo é de facto um bom processo de retribuir sacrificios comuns.

Pretenderá essa imprensa preparar a atmosfera nacional para que se dê a repetição de factos desta natureza?

Se o pensa, é mal sucedida, porque as intenções do actual governo visinho são de paz, como o tem afirmado no cenáculo genebrino. A reconstrução que é necessaria fazer-se das ruinas dos males sociaes e politicos do passado e do presente, exige que os povos ibericos se unam pelo edial do bem, para alivio da humanidade, união que tem de assentar n'uma absoluta confiança mutua, bem unidos, mas não esquecer isto, sempre, em primeiro lugar, bem diferenciados, como o fizemos no seculo XV, através das descobertas e conquistas para detenção dos males orientais e derramamento do cristianismo, porque, cinco seculos passados, os perigos renasceram. Insultar é proprio de politico barato e tacanho. Este sistema desabona a intelligencia de quem o emprega, e, hoje, mais que outr'ora, são necessarios todos os cuidados para escolhermos os grandes chefes, isto é, os grandes realisadores do bem colectivo. Era bom que se dissesse a verdade, ainda que fosse amarga, e, esta, tem de resultar d'uma observação geral da vida portugueza e não da queixa ou observação de pessoas ou factos isolados ou de entidades que nos são agradaveis e nos pagam a publicação das lisonjas e dos defeitos dos outros. Pela minha parte, desejo a maior harmonia do povo iberico repudiando, porem, a união apregoada por homens de vulto, algum, que, n'um futuro não muito longo, se veria a face unilateral com que ela é vista de léste.

E', até, significativo este desejo, no momento em que as diversas regiões pedem, e uma já obteve, a sua autonomia administrativa e politica. Faz-nos lembrar aquelas pessoas incapazes de administrar os seus bens e vão para casa do visinho dar conselhos de boa economia.

Julgo não ser difficil decifrar a charáda. Nós já a experimentamos. Basta recordar o passado.

A. Antas

## Sobre o desemprego

Graças ás medidas sabias e beneficentemente adoptadas por aqueles que em boa hora foram indicados para presidir aos destinos da Nação, enfileirou Portugal no numero dos paizes que olham com olhos de ver pelos seus desempregados, creando um imposto que se não é equitativo é pelo menos bem aceite por ter tido rapida applicação.

E, uma vez creado um fundo consideravel, tratou-se logo de crear e iniciar obras, de pôr em dia e renovar arquivos pelas varias Repartições, atendendo-se a tudo quanto possa servir para dar que fazer aos desempregados inscritos, diminuindo ou terminando com a miseria em muitos lares.

Mas, mais uma vez temos que aceitar como real o que o povinho diz: «Não ha linda sem senão».

No caso que vamos tratar, e de uma necessidade impenosa e absoluta obstar ás difficuldades que surgem a os desempregados que são collocados, difficuldades que mais e mais vêm concorrer para o desequilibrio dos seus lares.

Deve ser sentida em toda a parte a desprotecção dispensada aos desempregados que são chamados para prestar serviços, e dizemos desprotecção para não dizer abandono, porquanto muitos estão sujeitos a ser classificados de maus desempregados, quando se não apresentem nas repartições em que foram collocados.

Procura-se saber as razões que levam muitos a faltar?

Crêmos que não, aliás já se teria remediado um mal E em que consiste esse mal, perguntarão?

N'uma coisa simplissima! E' que, quando ao desempregado entregam a guia de apresentação, se lhe não pergunta que recursos tem para deslocar-se!

Ora é precisamente este ponto o que reputamos de fundamental!

O desempregado que até aqui viveu horas de angustia ao ver-se a braços com a miseria, quando recebe a ordem de apresentar-se em qualquer parte, revive essas horas mais amarguradamente por se lembrar que por falta de meios não pode seguir, e que portanto se sujeita a ser dispensado para sempre porque fica, no registo com a observação pura e simples: não se apresentou—

Sua Exc.ª o Commissario Geral de Desemprego, deve, certamente, ter já recebido petições nesse sentido, e a elas juntamos a nossa!

O desempregado não tem recursos, e portanto deve ser-lhe abonado senão diariamente, pelo menos semanalmente o producto do seu trabalho, até que c o n s i g a equilibrar um pouco a sua situação, tanto mais que para viver tem que alimentar-se e que por ser empregado pelo desemprego, pouco terá quem lhe facilite os generos indispensaveis á vida, porque, quanto a transportes, nem se fala.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## Secção Feminina

A Parisiense e a "maquillage."

Dizem que a mulher franceza, a Parisiense sobre tudo, não tem verdadeira beleza. Acusam-na de a fabricar com os «fards». Que heresia! Como se pode julgar com tanto rigor uma mulher por ela tentar «se mette en valeur» fisicamente? Em procurando dar á sua carnção o esplendor que lhe falta, em realçando, em aperfeiçoando os seus «charmes» naturais, a mulher não pretende enganar ninguém. Ela demonstra somente a sua feminidade, o seu ancioso desejo de sêr bela, de agradar, de ser admirada... e amada! E não seria para todas essas coisas que a mulher foi creada? Em todos os tempos Ela têve por lei: procurar simpatia e a esse fim, desde a mais alta antiguidade empregou artificios. De Cleopatra a Madame de Pompadour, essas Deusas do Templo da Belêza, de Ninon de Leuclos a Greta Garbo, a mulher gostou de seduzir, de inspirar admiração.

Um pouco de «fard» cõr das petalas das rosas, um pouco de pó de arroz de aroma delicado, uns labios recortados a «crayon rouge», umas ondas negras ou louras a coroar artisticamente a cabeça, não formará isto um quadro exquisito digno da refinada elegancia do século vinte? Seria na verdade mais agradável o natural quando êle é banal, inexpressivo, sem cõr? Ora infelizmente em Paris onde não chega o sol quente e magico de Portugal, todas as mulheres teriam, sem o emprego da «maquillage», o aspecto anémico e doente. E a franceza, desportiva, infatigavel, mas inteiramente e profundamente «m u l h e r» quer parecer fresca, saudavel e bonita. É um desejo legitimo.

Eu defendo «le maquillage», não porque tenha interesses em casa nenhuma de productos de beleza, mas porque a acho necessario, quasi... indispensavel. Dizeime uma coisa, vós todos, senhores, que apontais com o dedo uma mulher artisticamente pintada, vós todos, amadores de «naturismo», dizeime: A Natureza, a mais natural por definição mesmo, das coisas existentes, não será ela tambem «coquette», não saberá ela tambem fazer uso de «fards» para mais agradar a todos?

Vejam pois a poeira das estradas, como ela luz, animada pelo oiro que roubou ao sol. Olhem para as folhas das arvores que se vestem de georgette verde claro na primavera, de setim brilhante e luminoso no verão, de aveludadas côres de cobre no outõno. Admirem o Ceu que parece tecido de safiras recortadas pelos desenhos opalisados das nuvens. Não lhes parece que, aos pinceis do Sol, todas essas coisas devem um brilho que não lhes

## POR ESPINHO

(Continuação da 1.ª página)

o que eu ia a escrever. O que eu me habituei a escrever, até... Não sei porquê... Ora antes—vá lá a confissão!— habituei-me a considerar Espinho como cidade,—porque não posso nem devo considerar Espinho, terra alegre, sábia, movimentada, uma vila provinciana, que se remira, como tantas, num passado de tradição, mas sem qualquer grandeza... Espinho,—não! É uma cidade,—geométrica, americana, grandiosa, no seu traçado, no seu conjunto, no seu ritmo, na sua vida...)

E o sol continua a dardejear, por mercê, alguns raios sôbre o casario e sobre as areias da praia,—nesta manhã—alta duma banal quarta feira de inverno. As ruas movimentaram-se. Vida própria,—ritmo certo. Dum lado, o mar. A praia,—elegante, acolhedara. Uma explanada moderna, atraente. Doutro lado,—campinas e pinheirais, riqueza a explorar. Ao centro, talhada sobre uma grande area, ergue-se a cidade de Espinho. Elevam-se sobre os edificios as altas chaminés das fábricas. E 45 são elas,—abastecendo, quasi todas, os mercados do país!

E o movimento impressiona,—pela invulgaridade. Inverno. Manhã de inverno. Quarta-feira. Um dia como tantos outros dias. Nada de novo na Costa Verde. E Espinho movimentase. hora a hora, instante a instante, Espinho surge me—é forçoso repetir-se, mais uma vez, isto mesmo!—surge-me á laia de cidade de capital importancia!

Não! não! Agora,—não há illusões—nem ficções. Há a realidade. E a realidade,—é esta, a que se apresenta aos meus olhos. A realidade, para mim, o «ignorado» da minha curiosidade,—é a importancia de Espinho, é a sua cõr, é a sua vida, é o ritmo da sua vida, são os cambiantes da sua cõr, são os detalhes da sua importancia...

E esse ritmo, e esses cambiantes, esses detalhes—hei-de eu trazê-los para aqui, para junto do leitor. Em frases rápidas,—descrições curtas. Não quero explicar,—quero expôr. Pretendo apresentar essas frases rápidas, essas descrições curtas, nas vitrines das intelligências de quem me lê. E quem me lê, ao depois,—que deduza, que confronte, que se inteire da realidade, tal qualmente como eu fiz. E nada mais é preciso—para se precisar bem o que é Espinho!

António CRUZ

Tambem o «Jornal de Noticias» grande e popular diario da Capital nortenha, num interessante artigo, fazia hontem as mais elogiosas referencias á nossa Praia, secundando a campanha iniciada pelo «Diario de Noticias», logo seguida por «O Seculo», os maiores diarios da Capital, em favor das justas aspirações desta linda e progressiva vila.

A attude da grande imprensa em prol de um Espinho Maior é tanto mais desvanecedora para os espinhenses, quanto é certo ela ser livre de interesses de qualquer natureza».

é proprio? Que seriam as aguas dos rios sem o Ceu que élas refletem e que lhes dá as côres fugidias de lapis-lazuli, e as pica de esmeraldas e de raios variados.

Queriam pois que «la plus belle moitié du genre humain» fosse mais natural que a Natureza, que éla fosse, não feia mas insípida, como são insipidos, o Ceu, os lagos, as arvores, as cazas, quando não se servem da «houppes» magnifica e transformadora do disco solar, para se empoarem duma colorida e perfumada máscara que nos encanta, nos ilude, nos penetra a alma dum sonho de Beleza e de Idealismo.

Paris Março de 1933  
Diamantina Tavares da Silva

## Serralharia Avelino

Esta serralharia que estava na rua 8 n.º 353, mudou para a rua 21 n.º 454, na rectaguarda da casa Paula.

## AVIAÇÃO

Em serviço official, vindos por via aerea, estiveram nesta praia no domingo 19 do corrente os distintos aviadores: capitão João Soares e tenente Andrade da Escola de Cintra.

Em 20 tambem estive no nosso acrodomo, a avioneta que, de regresso á capital, levava o Snr. Dr. Aguedo d'Oliveira, illustre sub-secretario de Estado das Finanças.

## D. Diamantina Tavares da Silva

A partir desta data, a nossa illustre compatriota D. Diamantina Tavares da Silva, distinta professora na grande capital franceza, dá ao nosso jornal a honra da sua colaboração, honra essa que bastante nos sensibilisa.

## Dr. Fernandes d'Almeida

Para a capital, onde terá curta demora, partiu ante-ontem o nosso estimado amigo Snr. Dr. Fernandes d'Almeida.

## Alfredo Siqueiredo

Passou em 22 do corrente o seu aniversario natalicio o nosso presado amigo Alfredo Siqueiredo. A este nosso amigo enviamos, por tal motivo um grande abraço.

## Associação dos B. Voluntarios da Praia da Aguda

Pela Direcção d'esta prestimosa Associação, foi convidado para para assumir o lugar de Comandante do Corpo Activo da mesma, o nosso amigo Manuel Jesus Ribeiro.

Não foi desacertado esse convite pois que sendo um bombeiro, antigo, foi dos primeiros iniciadores da fundação da Associação dos Bombeiros Voluntarios Espinhenses.

Como tenha sido aceite o referido convite, é-lhe dáda hoje a posse pelas 15 horas no respectivo Quartel perante todo o Corpo Activo.